

DOENÇA, CASTIGO DE DEUS PELO PECADO?

“Rabi, quem pecou, este ou os pais dele, para que cego nascesse?” (Jo 9,2)

Silvia Togneri

Resumo

Doença, castigo de Deus pelo pecado? Este estudo tem o propósito de apresentar os textos bíblicos que deram base a esse modo de pensar. E, a partir deles, comparando-os com outros textos bíblicos e com as atitudes de Jesus de Nazaré, desmistificar a compreensão de Deus como castigador e punidor de pecadores com doenças, exclusão e até a morte. A pergunta dos discípulos de Jesus, em Jo 9,2, serve de base para toda a argumentação desenvolvida. Evidencia o modo como já no Primeiro Testamento a visão de Deus libertador, misericordioso, amoroso e bondoso é apresentada, e, depois, é reforçada por Jesus de Nazaré, que cura, perdoa, liberta e inclui as pessoas consideradas como pecadoras.

Palavras-chave: *Doença. Pecado. Castigo. Teologia da Retribuição. Cura. Misericórdia. Perdão.*

Abstract

Illness: God's punishment of sin? This study proposes to present the biblical texts on which this view-point is based. And there-from, comparing them with other biblical texts and with the attitudes of Jesus of Nazareth, demystify the understanding of God as a punisher of sinners by means of illness, exclusion and even death. The question of the disciples of Jesus, as in Jn 9,2, leads into the whole argumentation here developed in order to show up the way in which the vision of a liberating, merciful, bountiful and loving God is already presented in the First Testament, and is later strengthened by Jesus of Nazareth, who heals, forgives, liberates and includes people considered as sinners.

Key-words: *Illness. Sin. Punishment. Theology of Retribution. Healing. Mercy. Forgiveness.*

Introdução

A pergunta dos discípulos a Jesus, em Jo 9,2, retrata a maneira como naquela época compreendia-se o que poderia ser a causa de uma doença¹. Essa forma de compreensão está baseada nas orientações recebidas a partir de Ex 20,5; 34,7; Lv 26,3.14-16; Nm 14,18; Dt 5,9; 28,15.21-22.27-28; 1Sm 5,6; 2Cr 26,16-20; Sb 4,6; Eclo 41,8-12; e Sl 51,7. Estas orientações foram mais desenvolvidas no pós-exílio, quando o grupo de exilados que retornou a Israel introduziu a Teologia da Retribuição² na vida do povo, com maior acento no aspecto individual. Isto levou a um entendimento de que as pessoas seriam recompensadas por Deus a partir de sua devoção ou não. A respeito da pergunta feita a Jesus por seus discípulos em Jo 9,2, Boor diz:

“O pensamento do judaísmo regido pela ‘lei’ vivia na ideia da retaliação. Do destino da pessoa podia ser apreendida sua devoção ou seu pecado. Do devoto, Deus se compraz, por isso vai bem na vida. Infortúnio, miséria e enfermidade, porém, são sinais de um pecado especial que provocou a ira de Deus e seu castigo”³.

Os indicativos de bênçãos de Deus traduziam-se em uma vida sem problemas, com sucesso financeiro e conseqüente pureza de vida. E a pessoa considerada pecadora, por isso, era doente, impura, não era abençoada por Deus, e sofria muitas discriminações, fruto da Teologia da Retribuição que rotulou de justa toda pessoa que praticava individualmente a lei e, por isso, era rica, pois era abençoada por Deus. Já o pobre, o enfermo é considerado como mau porque não pratica a lei, é impuro e recebe os castigos de Deus⁴. Podemos nos perguntar: como o Deus libertador do êxodo passou a ser entendido como um Deus que castiga, pune e exclui? Seria esse o único entendimento que tinham a respeito de Deus? A qual grupo interessava que a visão do Deus castigador e punidor fosse mais conhecida que a de Deus libertador e salvador? Ora, anteriormente, o Senhor já havia se declarado como misericordioso e piedoso, quando disse a Moisés: “*Terei piedade de*

1. Veja sobre a origem da doença na Antiguidade em REIMER, Ivoni Richter. *Milagre das mãos*. Curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Editora UCG, 2008, p. 13-18.

2. Sobre a Teologia da Retribuição, REIMER, Haroldo. (org.). *Eclesiastes*. A sabedoria do viver e conviver. São Leopoldo: CEBI, 2006, p. 31-3, destaca: “...é o sistema de pensamento que preconiza uma relação de causa-efeito, típico da sabedoria clássica de Israel. Neste sentido, tradicionalmente, afirmava-se que a causa da graça ou da desgraça na vida das pessoas residia em suas próprias ações. Tal relação de retribuição pode ser concebida tanto na horizontalidade das relações sociais quanto na verticalidade das relações do ser humano com a Divindade. Neste jeito de pensar, em últimos casos, o ser humano é sempre responsável pelo seu próprio destino, porém sempre dentro de uma concepção retributiva”.

3. BOOR, Werner de. *O Evangelho de João I*. Comentário Esperança. Tradução Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p. 231.

4. Veja GALLAZZI, Sandro. *Por uma terra sem mar, sem templo, sem lágrimas*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 81, com a Teologia da Retribuição: “Deus perde sua dimensão de gratuidade, obrigado a retribuir conforme a prática de cada um”.

quem eu quiser ter piedade e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão” (Ex 33,19). Procurando oferecer respostas vamos partir dos textos que deram base à pergunta que os discípulos fizeram a Jesus em Jo 9,2.

1. O entendimento de Deus castigador a partir do Primeiro Testamento

Em Ex 20,5 e Dt 5,9 a visão de Deus mais ressaltada é de um deus ciumento⁵, que não admite diante de si nenhuma manifestação a qualquer outra divindade e que, por não receber devoção e amor, volta-se com castigos para os filhos e filhas inocentes, de pais considerados idólatras. É interessante a maneira como o texto apresenta o ciúme de Deus, pois parece que as outras divindades eram, também, muito importantes para o povo. No tempo de Jesus a causa desse castigo de Deus poderia não ser apenas por idolatria, mas por inúmeras outras situações que as pessoas viviam, causadas pela doença e pobreza⁶, o que levava a considerá-las como pecadoras e impuras e, por isso, eram excluídas⁷. Garcia, a respeito da maneira de ver a situação de mendicância de uma pessoa cega de nascença, resalta:

“A condição de mendigo do cego não era um incômodo, pois sua situação é vista como uma fatalidade da vontade e juízo divino e não fruto dos impostos excessivos e da opressão da corte judaica e do Império Romano, já que ele é considerado um pecador”⁸.

Em relação ao entendimento de Deus como misericordioso, os profetas já haviam lembrado ao povo que Deus não quer mais punir a culpa dos pais nos filhos. Essa ideia de vingança foi abolida por uma nova aliança, em que a lei de Deus será colocada no coração do povo, e, por isso, o povo reconhecerá Deus, como o Senhor. Segundo o profeta Jeremias, Deus declara que perdoará toda culpa e não mais se lembrará do pecado do povo (cf. Jr 31,31-34). Também Ezequiel diz que, quando o ímpio se arrepende e passa a viver conforme a justiça,

5. Em Dt 6,14-15 temos essa mesma imagem de Deus que é ciumento e que pode exterminar a quem não lhe for fiel.

6. Para REIMER, Ivoni Richter. *Doença e cura a partir do Novo Testamento: tradições de libertação e de construção de dignidade*. In: UETI, Paulo (Org.). *A terapêutica de Jesus*. Corpo, poder e fé. S. Leopoldo: CEBI, 2010, p. 12, além das concepções religiosas sobre as causas de doenças na Palestina do séc. I existiam muitas outras, entre elas aponta: o crescente empobrecimento advindo dos impostos do sistema romano de dominação; a grande precariedade no campo da higiene e da medicina; e especialmente as mulheres eram as que mais sofriam nos casos de gravidez, parto e pós-parto e o abandono de crianças indesejáveis, pobres e com deficiências.

7. Para RICHARD, Pablo. Chaves para uma releitura histórica e libertadora. (Quarto Evangelho e Cartas). In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* n. 17, 1994/1. Petrópolis: Vozes; S. Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 8: “Na tradição bíblica os enfermos são sempre marginalizados, fracos, carentes, considerados pecadores, normalmente pobres e mendigos”.

8. GARCIA, Paulo Roberto. A memória dos marginalizados. In: *Tempo e Presença*, n. 229, Abr./1988. São Paulo: CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1988, p. 29-30.

Deus afirma que seus crimes não serão mais lembrados contra ele (Ez 18,1-21). Contrários à Teologia da Retribuição os livros de Jó e de Jonas também apresentam Deus como misericordioso, pois Ele prefere sempre perdoar: “*Por isso fugi apressadamente para Társis; pois eu sabia que és um Deus de piedade e de ternura, lento para ira, e rico em amor e que se arrepende do mal*” (Jn 4,2). É importante perguntar-nos por que o entendimento de Deus como misericordioso foi suplantado pelo entendimento de Deus que é ciumento e castigador dos filhos de quem é considerado infiel? Para Gallazzi, essa situação foi fruto do governo teocrático implantado a partir do segundo templo, onde a lei tornou-se o centro de tudo e não mais a vida⁹.

O texto de Nm 14,18-20 reúne duas características de Deus, que é paciente e misericordioso, mas que ao mesmo tempo castiga a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração. Deus é apresentado como quem perdoa, mas que não tem misericórdia com quem o desprezou. Da boca de Deus sai a declaração que todos os que contra ele murmuraram desde a saída do Egito não entrarão na terra prometida, pois perecerão (Nm 14,26-35). Essa ideia de castigo, intolerância e até extermínio por meio de Deus, ainda está presente no tempo em que Jesus viveu e, inclusive, em alguns de seus discípulos, porquanto, quando Jesus não é recebido pelos samaritanos, Tiago e João (Lc 9,54) perguntam: “*Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu, para que os destrua?*” Ainda, nesta época, há um forte preconceito contra os samaritanos¹⁰.

Olhando a caminhada do povo de Israel desde o Egito e a compreensão a respeito de Deus que foi sendo formada, de acordo com Nm 14,26-35, podemos nos perguntar: Deus liberta da casa da escravidão do Egito, para fazer perecer no caminho os que não o reconhecem como Deus libertador e contra Ele se voltam? A resposta vem de Jesus que vai ensinar a necessidade de convivência com o diferente, com quem é diverso na cultura e na religião, pois é preciso deixar o joio e o trigo crescerem juntos e só na hora da colheita, então, fazer a separação (Mt 13,30). E, também, Jesus nos diz que precisamos perdoar sempre (Mt 18,21-22)¹¹, e que o perdão deve ser realmente de coração (Mt 18,35), restaurando assim a imagem de Deus que perdoa, que se interessa em buscar quem está perdido, porque não deseja que nenhuma de suas ovelhas se extraviem (Mt 18,14).

O capítulo 28 de Deuteronômio apresenta as condições para receber de Deus bênçãos, as quais são condicionadas à fidelidade aos mandamentos e permanência no seguimento unicamente ao Senhor; e as maldições advindas de Deus, caso houvesse o descumprimento dos seus mandamentos e leis e o seguimento a ou-

9. Cf. GALLAZZI, 1999, p. 86-89.

10. Segundo KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*. Amor e Fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005, p. 49: “A oposição irreconciliável entre judeus e samaritanos (Jo 4,9) parece ser de data mais recente, especialmente depois da construção do Templo samaritano do Garizim, no séc. IV, e sua destruição, em 128 aC, pelo rei judeu João Hircano”.

11. O perdão que receberemos de Deus está ligado ao perdão que damos uns aos outros (Mt 6,14-15).

tros deuses. Entre as inúmeras maldições estão: a peste, a febre, inflamações, queimaduras, flagelos, doenças de pele, loucura, cegueira e delírio (Dt 28, 21.27-28). Assim, quaisquer dessas doenças eram consideradas como castigo de Deus, porque alguém lhe desobedeceu ou seguiu outros deuses, ou seja, pecou.

A ideia que o pecado permanece nas pessoas e que no dia do julgamento os seus filhos serão as testemunhas desse pecado é apresentada em Sb 4,6. Mais uma vez a misericórdia de Deus fica obscurecida pela predominância do Deus que castiga até os filhos de quem pecou. Esse mesmo entendimento em apresentar Deus está no texto de Eclo 41,8-12, em que os filhos dos pecadores tornam-se abomináveis, e os ímpios já nascem para a maldição. Para essas pessoas Deus não se apresenta como quem oferece uma oportunidade de conversão. O destino delas já está definitivamente traçado, para a condenação. Em posição contrária a isso, Jesus declara: “*Não é a justos que vim chamar à conversão, mas a pecadores*” (Lc 5,32).

Ainda seguindo a ideia de que doença é castigo de Deus pelo pecado cometido em 1Sm 5,6-7, quem recebeu tumores na pele foram os habitantes de Azoto, quando a Arca da Aliança foi tomada pelos filisteus e colocada dentro da casa dedicada ao deus Dagon. O Senhor castigou duramente os habitantes do lugar e a estátua de Dagon acabou mutilada. Evidencia-se a ideia de Deus que é intolerante, pois se volta também para os que não são do seu povo e até destrói as estátuas de outras divindades. Segundo 2Cr 26,16-20, foi a atitude de vanglória e de orgulho do rei Ozias que motivou a lepra que ele sofreu. Enquanto ele buscou a Deus, o Senhor lhe foi favorável e lhe deu prosperidade (2Cr 26,5), mas quando transgrediu contra Deus ao entrar no santuário e queimar pessoalmente incenso para o Senhor, sem a mediação dos sacerdotes, foi imediatamente acometido de lepra até o dia de sua morte. Por isso, ele foi excluído da Casa do Senhor. Temos aqui duas situações muito impactantes naquela época, segundo as leis, na vida de uma pessoa do povo de Israel: doença e exclusão da Casa de Deus. E tudo isso respaldado pelo Deus que libertou da casa da escravidão do Egito, embora, compreendido de outra forma, como Deus que não perdoa e pune com doenças, infortúnios e exclui.

Para ajudar as pessoas a se libertarem dessa visão de Deus que castiga com doenças e infortúnios, que exclui e é intolerante, Jesus de Nazaré agiu de forma contrária a esse conceito, curando, libertando e perdoadando os pecados. É o que veremos a seguir. Ele restaura a vida de pessoas consideradas pecadoras por serem acometidas de doenças, e as inclui na vida da sociedade da época.

2. O entendimento de Deus, bondoso e misericordioso, com Jesus de Nazaré

Contra a ideia de doença como castigo de Deus, Jesus responde à pergunta de seus discípulos em Jo 9,2, da seguinte forma: “*Nem este pecou, nem os pais dele, mas para que fossem manifestadas as obras de Deus nele*” (Jo 9,3). Para Jesus, ninguém pecou e ele se mostra contrário à ideia de Deus, que pune com

doenças, como pensavam e ensinavam na época. As obras de Deus, a partir de então, não serão mais o castigo e a punição para aqueles que são considerados pecadores, porque são doentes, mas sim a cura, nesse caso, da cegueira, que levará finalmente a uma nova forma de entender e compreender Deus.

O cego de nascença em Jo 9 é curado por Jesus de forma paulatina, seus olhos ficam curados, mas, aos poucos, nele também vai se firmando a compreensão de como Deus libertador e misericordioso age na vida das pessoas. Inicialmente, ao ir se lavar na piscina de Siloé, o cego tem a sua visão restaurada (Jo 9,7). E, depois, respondendo as perguntas sobre sua cura e sobre quem é Jesus, ele vai compreendendo que Deus age de forma contrária ao que se pensava na época, principalmente quanto a castigar pessoas com doenças. A compreensão que Deus é misericordioso, que cura e resgata as pessoas doentes e excluídas da sociedade, completa-se nele, quando Jesus vai ao seu encontro, depois que ele foi excluído da sinagoga, e o inclui no grupo de seus seguidores (Jo 9,35-39).

Jesus segue a palavra profética que anunciava a ação favorável de Deus para os pobres, os aflitos e presos; também, ao proclamar um ano de graça, quando será feita a justiça de Deus e não mais aquela prometida pela Teologia da Retribuição (Is 61,1-3). Ao lembrar que Deus não quer mais sacrifícios e sim, a misericórdia, Jesus adverte que é preciso aprender o que isso significa: *“Ide, pois, aprendei o que significa: Misericórdia eu quero e não sacrifício”* (Mt 9,13). Aprender com Deus que é bondoso e misericordioso e esquecer o que havia sido mais destacado a respeito de Deus, como castigador e punidor de quem era considerado pecador. E Jesus completou o pensamento, dizendo: *“Não é a justos que vim chamar, mas a pecadores”* (Mt 9,13).

Quando João Batista manda perguntar a Jesus se ele é o Messias, Jesus responde com as ações que tem praticado em favor dos pobres, dos doentes e excluídos da época: *“Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados”* (Mt 11,4-5). Porque é assim que Deus age, curando, libertando e incluindo e não castigando e excluindo; por isso, não podem ver essa ação de Jesus como um escândalo (Mt 11,6). Jesus lembra como a bondade, a fidelidade e o amor de Deus ao povo de Israel são cantados no Sl 145,5-6:

“Feliz quem recebe auxílio do Deus de Jacó,
quem espera no Senhor seu Deus,
criador do céu e da terra,
do mar e de quanto contém.
Ele é fiel para sempre.
Faz justiça aos oprimidos,
dá alimento a quem tem fome.
O Senhor liberta os prisioneiros,
o Senhor devolve a vista aos cegos,
o Senhor levanta quem caiu,
o Senhor ama os justos,

o Senhor protege os estrangeiros,
ampara o órfão e a viúva,
mas transtorna o caminho dos ímpios”.

Assim, com as ações de Jesus, aos poucos a compreensão de Deus libertador, amoroso, bondoso e misericordioso para com todos, especialmente para com seu povo escolhido, foi sendo restaurada, a fim de que manifestassem Deus dessa forma aos outros povos. É o pedido que Jesus faz aos seus discípulos e discípulas: “*Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura*” (Mc 16,15). A boa notícia que Deus inaugurou o seu Reino acolhendo a todos, porque Deus é o Deus da vida, do perdão, da misericórdia, do amor, da inclusão e não mais o Deus que era compreendido como um Deus que castiga com doenças, que pune, exclui e não perdoa a quem não lhe é fiel.

Bibliografia

BOOR, Werner de. *O Evangelho de João I. Comentário Esperança*. Tradução Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

GALLAZZI, Sandro. *Por uma terra sem mar, sem templo, sem lágrimas*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARCIA, Paulo Roberto. A memória dos marginalizados. In: *Tempo e Presença*, n. 229, Abr./1988. São Paulo: CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1988.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João. Amor e Fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

REIMER, Haroldo (org.). *Eclesiastes. A sabedoria do viver e conviver*. São Leopoldo: CEBI, 2006.

REIMER, Ivoni Richter. *Milagre das mãos. Curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. S. Leopoldo: Oikos; Goiânia: Editora UCG, 2008.

_____. *Doença e cura a partir do Novo Testamento: tradições de libertação e de construção de dignidade*. In: UETI, Paulo (Org.). *A terapêutica de Jesus. Corpo, poder e fé*. S. Leopoldo: CEBI, 2010.

RICHARD, Pablo. Chaves para uma releitura histórica e libertadora. (Quarto Evangelho e Cartas). In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 17, 1994/1. Petrópolis: Vozes; S. Leopoldo: Sinodal, 1994.

Silvia Togneri
Rua S. Judas Tadeu, 89. José Mendes.
88045-010 Florianópolis, SC
silviatogneri@hotmail.com